N.º 5. 1.º Anno

Os Theatros

Jornal de Critica

Lisboa 19 de Dezembro de 1895

ROSA DAMASCENO

E' a actriz dos sonhadores...

Honrando o n.º 5 do nosso jornal, com o retrato d'esta distincta actriz, prestamos assim a homenagem da nossa admiração pelo seu talento, finamente artistico.

Homenagem justa, pois que poucos artistas como Rosa Damasceno, conseguem influir-se no animo do espectador, elevando-a ás regiões puramente ideaes onde pairam os personagens em que se incarna.

Rosa Damasceno faz nos vibrar a corda da sensibilidade artistica na alta comprehensão do *bello*.

Como definir a maneira magistral por que sob as ficções scenicas, Rosa Damasceno faz crêr e arreigar no coração esse amor, essa avidez pelo ignoto que nas horas de mystificação se desenha na sonhadora imaginação d'aquelles que ainda que parecendo viver no materialismo, procuram um ideal, que á força de desenganos se faz hoje antever impossivel e amanhã tornar a sonhar--e

Como explicar, quando Rosa Damasceno se incarna, n'essa encantadora creatura, puramente ideal n'este fim de seculo, essa mulher que a nossa alma tem desenhado ante os nossos olhos, e acostumado a contemplal-a absortos n'esse enthusiasmo espasmodico, parecendo ter-mos abandonado a terra, que egoismos e paixões tornaram n'um sorvedoiro d'almas, e ir habitar um mundo desconhecido em que o amor casto e innocente tem o seu imperio.

Sonhar assim fatiga, fazendo nos andar tristes e melancolicos, contemplando esses seres que riem alegremente e a que nós invejamos a felicidade que outr'ora alcunhavamos de materialismo

A nossa alma cançada, hoje, abandona a mystificação, mas amanhã como que movida por alvejar um fim torna-se a embrenhar nas densas florestas do idealismo, e volta a sonhar...

Se a todas estas hesitações e desalentos á nossa alma se não subjuga, que intensidade de admiração não tributaremos a essa alma profundamente artistica, que na realidade nos dá a verdadeira imagem do ser que idealisamos.

Assim, Rosa Damasceno da a interpretação verdadeira e unica d'essa mulher casta, descripta pelos poetas e adorada por todos os que teem alma, e que abandonando a realidade sonham um ideal de que são escravos.

Das *ingenuas* de Rosa Damasceno evola se um perfume tão candido, tão melancholico, que nos faz parecer a mulher sonhada, não com a formusura de *Venus*, mas a que nos comprehende, a que tem alma d'artista e que nos acompanha nos sublimes momentos em que percorremos o mundo ideal que a nossa alma de sonhadores nos revela.

Para que citar personagens? lembremo-nos d'um dos mais recentes e que é sufficiente.

Como a nossa phantasiosa imaginação acompanhava e comprehendia essa sonhadora que o outro julgava a sua *Santa Umbelina!*

Que de phantasias...

Depois... esse desengano terrivel—cair na realidade, esses intervallos que tão bruscamente nos separavam d'aquellas almas que a phantasia fazia chorar, rir, padecer e sonhar...

Oh! se podessemos contemplar interminavelmente aquella doce creatura, tão bem definida por Rosa Damasceno!...

DIAMANTINO LEITE.

Editor = Henrique Pinto do Amaral Lith. Lusitana - Lisboa

A SEMANA

A redacção d'este periodico previne o publico que não pede nem acceita bilhetes de favor nem das emprezas theatraes nem dos artistas dramaticos.

TRINDADE

A RUSSINHA

Vaudeville em 3 actos, traducção de Machado Correia

A russinha é uma peça de molde a pôr em evidencia os recursos da actriz que desempenhar o papel de protogonista.

Lucinda do Carmo assim o entendeu, pois escolheu a segunda recita d'esta peça para a sua festa artistica.

Já por duas vezes me referi a esta artista apreciando-lhe os seus trabalhos, e essa apreciação, embora fosse o meu sentir, com bastante magua a fiz.

Mas «*Os Theatros*» teem a justa pretensão de procurarem elevar a arte dramatica e para tal excluiram-se amizades e condescendencias.

Porém hoje tenho que elogiar *Lucinda do Carmo* e com satisfação o faço.

Lucinda do Carmo (a russinha), observou com cuidado o seu personagem, e se se não póde considerar uma creação d'alto merito é de justiça dizer se que se houve por fórma a merecer os applausos dos exigentes.

Deu com bastante firmeza as diversas cambiantes do personagem, especialmente a scena do primeiro acto com *Gigonnet* (J. Gil).

Não pretendo que *Lucinda do Carmo* attendesse os meus escriptos, porém havendo n'esta peça, phrases maliciosas, não procurou carregar a nota, antes revestil a d'uma certa graça ingenua, que agrada.

Este personagem fez-me nascer a esperança de *Lucinda do Carmo* voltar ao seio da arte, e ter ensejo de a applaudir como em D. Maria e Rua dos Condes, pois aprecio-lhe sobremaneira uma qualidade que sobreleva todas as outras — saber dizer.

Do resto do desempenho sobresae *Gil* que fez um trabalho bastante consciencioso.

São a meu ver estes os personagens mais bem desempenhados, pois os restantes deixam muito a desejar, exceptuando *Ricardo*, que debutou ultimamente, e que faz uma pequena fabula bem estudada, procurando imprimir-lhe a nota da realidade.

Pedro Cabral não me agradou pela pessima caracterisação que apresenta.

Para se reproduzir a mocidade não é necessario abusar tanto do carmim; isto parece-me defeito dos actores d'este theatro, pois no mesmo erro cahiram outros.

A sua phisionomia em vez de ser insinuante e dar algum indicio de intelligencia, como convém a um homem com pretensões a poeta, deu-me a impressão d'um pateta.

A sua gesticulação e a inflexão que dá por vezes á phrase, tambem me pareceram infantis demais e fóra do caracter do personagem.

No terceiro acto ainda mais me desagradou especialmente pela sua *toilette* impropria d'umas luvas brancas e de quem usa um titulo de visconde.

E' preciso cuidar d'estes pequenos detalhes que parecem nadas, mas que no decorrer da peça se avolumam e desagradam ao observador.

No theatro, saber vestir é uma grande qualidade para agradar e muito especialmente em pecas como esta em que não póde haver luxo de *mise-en scene* que enthusiasme o espectador.

O trabalho de *Silva Pereira*, na minha opinião não satisfaz, principalmente pelas constantes hesitações em razão de não saber o papel, defeito este que sempre lhe encontrei.

Os restantes houveram-se segundo os seus recursos.

A peça não é para enthusiasmos, porém se estivesse mais bem ensaiada talvez cahisse no agrado do publico.

Mesmo *Lucinda do Carmo*, se fosse ajudada por um bom ensaiador produziria um trabalho sem deffeitos e que talvez podesse ser considerado uma creação.

Em todo o decorrer da peça, nota se falta de animação, que mais se accentua no terceiro acto que se passa n'um café.

Os figurantes para chamarem o creado batem as palmas tanto a medo que mais parecem estar n'uma egreja que n'um restaurant.

Quando se tratará nos nossos theatros d'operetta, da figuração e das minudencias de *mise-en-scéne?*

RECITA DOS ATIRADORES CIVIS ESTRELLA

Esta recita passaria desapercebida, se não fosse o facto da reapparicão n'este theatro de tres artistas distinctissimos *Anna Pereira, Queiroz* e *Gazul*.

Com especialidade a reapparição d'*Anna Pereira* que o publico distinguiu, ao entrar em scena, com uma prolongada ovação.

Esta significativa manifestação deve ter deixado a eminente actriz satisfeitissima, tendo mais uma vez occasião d'observar quanto é querida do publico.

A linha de conducta do nosso jornal obriga a protestar contra a inepcia dos emprezarios que deixam sem escriptura a nossa primeira actriz de operetta.

Primeira, unica e insubstituivel.

Pareceu-nos, ao ver os tres artistas agradeceram commovidos os justissimos applausos com que o publico os festejou, que haviamos voltado aos bellos tempos de Francisco Palha em que figuravam artistas como: *Anna Pereira, Florinda, Delphina, Esther, Herminia, Rosa Damasceno, Josepha d'Oliveira, Amelia Barros, Leon Izidoro, Queiroz, Ribeiro, Portugal* e outros, em pecas como *Barba Azul, Tres roccas, Filha da Sr.ª Angot, Noite e Dia, Giroflet-Giroflat, Ave Azul* etc.

Depois veio a invasão dos vandalos.

Vimos *Queiroz*, o velho *Queiroz* a figurar em revistas com um candieiro na cabeça e actualmente o que se está vendo.

Pobre theatro, começaste a descer e não poderemos prevêr o que o implacavel destino te terá ainda reservado.

Mas voltemos a Anna Pereira e Queiroz, que se não estão já na primavera da vida conservam ainda todo o vigor que caracterisa os artistas de raça.

Ouvimol-os n'aquelle duetto que ha 20 annos se não canta, e confessar que em Portugal não ha quem os eguale, é o mais que podemos dizer.

THEATRO DO PRINCIPE REAL

IGNEZ DE CASTRO

Representou-se pela primeira vez n'este theatro no dia 7 do corrente este drama original do sr. Maximiliano d'Azevedo. Fôra representada a epocha passada no theatro da Rua dos Condes.

Da peça já a critica se occupou quando subiu pela primeira vez á scena. Só diremos pois que desejariamos mais ver o talento e as aptidões d'este escriptor applicados só a produzir pecas originaes a vel-o estragado em traducções muito inferiores ao seu merecimento litterario. Este drama está bem escripto, situações bem achadas e lances de muito effeito.

Do desempenho só diremos que foi inferior ao que teve na epocha passada exceptuando Amelia Vieira que representa o seu papel com a mesma boa vontade e intelligencia com que o representou na Rua dos Condes. Costa que é um actor distincto e que pela maneira por que se esforça em fazer arte, n'um theatro, onde ninguem cuida d'isso, que é intelligente e estuda, não poude incarnar-se no personagem do rei Affonso. Ou porque estivesse preoccupado com o confronto ou porque não sympathisasse com o papel, achamo-l'o contrafeito.

Na scena com o filho não foi energico como devia. A phrase *Ainda sou rei de Portugal*, foi dita quasi a medo; e lembra-nos que Posser n'esta scena *esmagara* o filho com o vigor e a altiva magestade que imprimia a essas palavras.

Teve outras scenas bem feitas, como por exemplo a scena com D. Ignez e os filhos.

O actor Valle encarregou se do difficil papel de D. Pedro, e se não venceu todas as difficuldades, teve scenas bem estudadas e a linha do personagem menos mal comprehendida. Scenas houve mais gritadas que declamadas; a dicção nem sempre foi muito clara, comtudo é talvez este um dos seus melhores trabalhos. Estamos convencidos que, se este actor conseguisse libertar-se d'uns certos vicios, procurasse comprehender os seus papeis e estudasse sempre, ainda conseguiria vir a ser um actor muito acceitavel. O actor Pinheiro desempenhou regularmente o seu papel. Pato Moniz nem bem nem mal.

O scenario e vestuarios muito decentes. São os mesmos que figuraram na Rua dos Condes.

QUESTÃO THEATRAL

COMPANHIAS ESTRANGEIRAS

Já de alguma cousa nos serviu esta questão. Deu-nos ensejo para mais uma vez apreciar-mos a prosa brilhantissima do esmerado escriptor Ramalho Ortigão, n'uma bem feita carta; e a resposta espirituosissima do distincto ensaiador do theatro de D. Maria, Augusto Mello. Se não concordamos em absoluto com o illustrado auctor das *Farpas*, tambem não sômos dos que opinam que das companhias estrangeiras é que vem o mal aos nossos theatros.

Haviamos pensado não nos manifestarmos nem pró nem contra, mas a questão tem-se generalisado, entendemos portanto que nos assistia o dever de emittir a nossa humilde opinião.

Não somos frequentadores assiduos das companhias estrangeiras. Estão dois circos abertos ao publico e apenas fomos duas vezes a um d'elles. Em compensação temos gasto alguns tostões nos theatros onde funccionam companhias portuguezas, e a verdade é que ainda não saimos de nenhum d'elles satisfeito. Se exceptuamos a *Madame Sans-Gêne*, a «reprise» do *Kean* e *O amigo das mulheres*, os outros espectaculos levaram-nos a chorar o nosso dinheiro. E' certo que nos custou 900 réis o nosso *fauteuil* para a Rua dos Condes, mas deram-nos em troca um theatrinho alegre, limpo e confortavel; uma *mise-en-scène* cuidada e um conjuncto luxuoso. Fômos porém ao Principe Real, na noite do beneficio d'um dos primeiros artistas, e como não podemos ir para o theatro uma hora antes do espectaculo, levaram-nos 600 réis por um logar ao fundo da sala e onde nos deram por assento uma grade d'um palmo que em tempos teve palhinha.

No Gymnasio onde por 7 tostões estivemos mais commodamente sentados, deram-nos uma coisa bem mal representada e a que chamam *Fuga dos Sabinos*. Creio que quem n'essa noite foi a esse theatro não ficou com vontade de lá voltar tão cêdo. Dias antes haviamos visto as *Alegrias da paternidade*.

Na Trindade temos visto uns *vaudevilles*, representados *à la diable* por actores de... verão, coadjuvados por dois ou tres artistas que perdem a cabeça no meio d'aquelle charivari, e acabam por afinar com elles. O scenario não vale nada, e o theatro em si tem a monotonia de todos os outros, escuro triste e sujo. Os preços d'estes theatros são eguaes, senão superiores áquelles, onde trabalham as companhias estrangeiras e que estão alegres, limpos e confortaveis. As companhias, pessimamente organisadas, e o reportorio tudo o que ha de mais insonso. O que seria, santo Deus, se não fosse o espectro das companhias estrangeiras! Quando elles com a concorrencia das companhias estrangeiras nos impingem gato por lebre, se se apanhassem com o monopolio, o que teriamos de aturar!

Ha um ou outro artista que estuda e que

O proximo numero publicar-se-ha no primeiro de janeiro do proximo anno, illustrado com o retrato da distincta actriz — Virgiria.

sabe o que faz, mas collectivamente, nada, absolutamente nada fazem pela arte.

Não somos pois contra a exhibição de companhias estrangeiras. Somos por principio contra todos os monopolios porque com elles só perde o publico. Estabelecido o principio, todas as classes exigiriam para si egual direito.

Ha tempos um cosinheiro portuguez lembrou-se de dirigir ao ministro do reino uma representação para serem postos na fronteira todos os serviçaes estrangeiros. Era ridiculo, mas o homemsinho tinha razão. Sabe toda a gente que a enorme classe dos creados de servir é composta, na sua maioria, de individuos de origem hespanhola. Impossibilitados de servirem no nosso paiz teriamos de sujeitar-nos aos serviços dos portuguezes, pagar-lhes ordenados de ministros de estado e sermos servidos, como e quando elles quizessem. A concorrencia é que obriga á lucta pela vida.

Fechem o paiz á importação de fazendas estrangeiras, e ver-nos-hemos obrigados a vestir briche pelo preço da melhor casimira ingleza.

Representar mal más peças, mal vestidas, peior ensaiadas com scenarios velhos em theatros escuros e caros, e quererem ainda por cima obrigar o publico a atural-os, não pode ser. Temos elementos bons, de primeira ordem mesmo, aproveitem-os, trabalhem e o publico vae sempre para onde melhor o serve.

Analysemos os theatros actualmente. Em D. Maria, que é o theatro normal, se exceptuarmos Brazão, Rozas, Virginia, Roza Damasceno e F. da Silva, que fica? nada. Tem succedido adoecer um d'estes artistas e o theatro fechar as portas.

Trindade. Lucinda do Carmo, estragando-se n'aquelle meio, Valle, Gil e Silva Pereira deslocados. Se umas dores de cabeça impossibilitarem esta actriz de trabalhar uma noite, o theatro fecha as portas.

Rua dos Condes. Lucinda Simões, Posser e Christiano, o resto amadores muito bem ensaiados. Se a esta actriz succeder a mesma infelicidade que á sua collega da Trindade, o theatro não fecha as portas porque... as não abre.

Principe Real. Amelia Vieira e Costa, unicos que representam. Os outros decoram os papeis (quando os decoram) e veem para o palco e fazem o que elles julgam sua obrigação. Este, em caso de impedimento de qualquer dos artistas, não fecha as portas, substitue-se o artista e quem paga é o publico.

Avenida. Joaquim d'Almeida... e mais ninguem.

Gymnasio. Este tem mais artistas, e alguns dignos de melhor sorte. Mas não se queixam, que as vidas estão curtas; e as culpas vão todas para cima das peças. Que, diga-se em abono da verdade, são bem mal escolhidas.

Temos pois seis theatros com companhias portuguezas e tres com companhias estrangeiras, visto que S. Carlos ainda não abriu. Ora, ha 27 annos, em 1868, trabalhavam egualmente em Lisboa seis companhias em egual numero de theatros.

Vejamos agora como essas companhias estavam organisadas e a quantidade de peças que subiram á scena desde o 1.º de janeiro a 31 de dezembro d'esse anno:

D. Maria. — Emilia das Neves, Gertrudes, Jesuina, Rosas pae e filho, Cesar de Lima, Teodorico, Braz Martins, Pinto de Campos, Polla, Helliodoro, etc. (citamos só os nomes dos principaes para não fazer uma longa lista); com quanto este anno não fosse o mais fertil em producção, comtudo representaram-se, alem d'outras já ensaiadas, as seguintes: *Doida de Montmayour, Capitão Montaubreche, As redeas do governo, Madame Ajax, A rede dos noivos, Lucrecia Borges, A mão prompta, Lady Tartufo, Noites de Lisboa, Palma ou a noite de sexta feira santa, Tentações diabolicas, Dois por um, Faustina* e *Parasitas* e porventura mais alguma de que não tenhamos conhecimento.

Trindade. — Tasso, Taborda, Isidoro, Leoni, Queiroz, J. d'Almeida, Brazão, C. de Lacerda, Emilia Adelaide, Delphina, Anna Pereira, Rosa Damasceno e outras, entre ellas as irmãs Fossa.

Veja-se agora quanto este theatro produziu n'este anno: *Pupillas do sr. Reitor, A chave d'ouro, Uma conspiração na aldeia, O sr. Procopio Baeta, Actor de provincia, Para as eleições, Um capricho de senhora, Carta anonyma, Marcilio tocador de Flauta, Grã Duqueza* (parodia), *As tentações, Barba azul, Flor de chá, Infausta sorte de Fausto, Uma reconciliação, Pragas do coronel, Não ha fumo sem fogo*, esta, cremos, para estreia da actriz Carolina Falco, etc.

Gymnasio. Emilia Candida, Lucinda Simões, Florinda, Anna Cardoso, Valle, Simões, Silva Pereira, Augusto etc.

Tambem não trabalharam pouco: Eduarda, Filho abandonado, Virtude no crime, Bolsa ou a vida, Pensão alimenticia, Mexicanas, Um rival implacavel, Conde de Lamego, Esperanças perdidas, A menina dos meus olhos, Trovoadas de maio, Questão de duvida, O inimigo das mulheres, Antes do baile, Dragonette, Uma morte no saguão, Quem feio ama, Viva a Liberdade e as Georgianas posta em scena com grande luxo.

Principe Real. Santos, Antonio Pedro, Gil, Faria, Maggioli, Brandão, E. Letroublon, Luiza Fialho, Virginia, Felicidade, etc.

As peças representadas: A molestia de pelle e o sr. Rainunculo, Gravata branca, Lampada Maravilhosa, A virtude de minha mulher, Tudo pelas Damas, A hora do diabo, Os falsos viciosos, Grã Duqueza de Gerolstein, João (o Carteiro), O que fazem as rosas, etc.

E ainda os theatros da Rua dos Condes e Variedades, onde trabalhavam: Soller, Marcellino, e Vicente Franco, Salazar, Maria Joanna, Margarida Lopes e onde, principalmente na Rua dos Condes se representaram uma boa duzia de peças novas.

N'este tempo havia o circo Price, que abria em Outubro. O casino ou Café-concerto, S. Carlos que hoje abre a fins de Dezembro e que n'esse tempo abria a 29 de Outubro e fechava a fins de Abril. N'esse anno além dos concertos nos salões dos theatros de S. Carlos, D. Maria e Trindade, trabalhou em Lisboa no Principe Real a companhia italiana do actor Rossi e uma companhia franceza no theatro da Trindade. Ha 27 annos apenas um terço da população de Lisboa ia ao theatro.

Para qualquer chefe de familia se resolver a levar os seus a um espectaculo publico, tinha primeiro de reunir conselho e depois de aprovada a ideia levavam um mez a discutir a que theatro iriam porque havia a difficuldade da escolha. A população dos bairros afastados do centro da cidade essa não frequentava theatros. Quem, morando em Belem, Alcantara, Buenos-Ayres ou em qualquer outro bairro distante, se arriscava a ir ao theatro com a prespectiva d'uma caminhata a pé por viellas e ruas mal illuminadas e mal policiadas?

E comtudo os theatros ganhavam dinheiro, e os actores não se queixavam, e, sem irem ao Brazil, alguns juntaram o seu peculio. Durante o anno de 1868 representaram 3 peças em theatros differentes, qual d'ellas a melhor. *Barba Azul, Gran-Duqueza* e *Georgiana* só a *Gran-Duqueza*, no Principe Real, rendeu em 7 e meio mezes 23.650$000. A Trindade, de 30 de novembro de 67 a janeiro de 68, rendeu 8.000$000, e este mesmo theatro rendeu o anno passado, confessado pelo proprio emprezario, 60:000$000 de réis, e com uma só peça! Pois esta cifra é realmente bonita. Contra estas peças é que se devem insurgir, pois estas é que estragam o gosto do publico.

Admittindo que o theatro D. Amelia fechasse, os theatros nacionaes não lucrariam nada com isso.

O publico d'este theatro é o mesmo de S. Carlos: é composto da nossa melhor sociedade. Dá se *rendez-vous* n'este theatro, não se importa com o que se representa; é um publico frivolo, que não vae ao espectaculo para ver arte. Fechada esta sala, S. Carlos teria de abrir mais cedo, mas admittindo que o theatro lyrico não funccionasse, como essa grande familia que se chama sociedade elegante tem necessidade de se ver, reunir-se-hiam nos seus salões porque não é *chic*, é burguez assistir aos espectaculos nos theatros portuguezes.

A nossa *jeunesse dorée* padece dos mesmos defeitos; essa vae de preferencia aos Circos, porque tem a certeza de lá ver as nossas *Aspasias*. Vão ver a Lola, a Rosaria, a Manuela, etc. E os nossos theatros, verdade, verdade, não tem para elles attractivos nenhuns.

Actrizes novas não apparecem; quanto a coristas e figurantes, parece que são escolhidas de forma a afugentar todas as tentações. Ha mais: o publico que frequenta as companhias estrangeiras, na sua maioria não vae aos nossos theatros de declamação. Conhecemos um individuo bastante illustrado, e com uma bella posição, que, dizendo-lhe nós, ha tempos, que em D. Maria não se representava mal, nos confessou que não ia a esse theatro ha 14 annos!

Comtudo assistia quasi todas as noites aos espectaculos da Maria Gonzalez.

Conhecemos outros que se entreteem um pouco por toda a parte e que não vão a theatro algum.

Não gostam de companhias estrangeiras e os theatros nacionaes não os satisfazem. Ora estes, e que formam hoje uma grande maioria, é que os theatros portuguezes deviam attrahir. Dizem elles que não vêem hoje melhor que viram no seu tempo, e teem rasão. *Le monde marche*. Se o nosso theatro não progride! E' que n'esta febre de progresso, parar é morrer. Queixem se de si Unam-se, mas não para guerrearem quixotescamente quem lhes faz concorrencia, mas para elevarem o theatro. Ponham á frente d'elles quem os saiba dirigir, formem as suas companhias com todo o cuidado, caminhem e façam dos seus theatros *templos d'arte*, e nós não nos deixaremos subjugar pelo Morpheu quando entrarmos nas vossas salas.

C. A.

PARA QUEM NOS NÃO CONHECE

Um pseudo jornal de critica que para ahi vegeta, esmolando artigos a alguns illustres escriptores e sollicitando humildemente da imprensa periodica os reclames, lembrou-se de nos dedicar algumas *biscas* a proposito d'um artigo, em resposta a uma carta, que publicámos no nosso n. 3.

Não lhe ligariamos importancia alguma, se o tal critico, com o firme proposito de nos desconsiderar, na opinião dos que nos lêem, não viesse insinuar que sômos *creanças* para d'esta forma tirar o valor á nossa critica.

N'este ponto o tal sugeito mentiu e com a aggravante de saber que mentia.

O tal *soit disant* critico, sabe bem que *o seu tenro collega* já devia ser um homem quando elle ainda não tinha largado os cueiros, e que se hoje na sua cara mal se lhe adivinha a barba, com a nossa já o barbeiro ganha dinheiro ha uns bons vinte annos.

Quanto a dizer-nos que, *andamos furiosos pelo reclamo*, vamos tambem provar lhe que mente.

Quando fundámos o nosso jornal, calculavamos já quanto perderiamos em cada numero. Era uma tolice, mas cada qual estraga o seu dinheiro como entende.

Comtudo, não temos perdido tanto como esperavamos. O *papel* vae-se vendendo e tem tido alguma procura.

Temos amigos em quasi todos os jornaes de Lisboa e Porto, e ainda não importunámos um unico.

Estamos mesmo persuadidos que esses amigos não suppõem sequer que nós sejamos redactores d'um jornal. De tal forma *andamos furiosos pelo reclamo*.

Não temos sollicitado uma unica assignatura, e estamos certos, que se nos aproveitassemos da situação especial em que o nosso emprego nos colloca, algumas dezenas d'ellas teriamos obtido. A todas as pessoas a quem a redacção tem enviado o periodico tem sido gratuitamente.

Declarámos que não acceitavamos bilhetes de theatro, manteremos o nosso proposito. Ainda ninguem nos viu pelos palcos dos theatros, onde não entramos, a mendigar *borlas*.

Portanto o articulista, mentiu, e emprazamo-lo a que prove o contrario.

Escrevemos segundo os dictames da nossa consciencia. Não sôm os inspirados por artista algum e se com algum mantemos relações, são de pura cortezia.

Com um unico nos achamos mais estreitamente ligados por laços de amizade, e esse mesmo não pouparemos, como artista, quan-

do o seu trabalho nos não agradar.

Ninguem nos poderá censurar por esta conducta que é a de homens de bem.

O contrario é que seria digno de censura.

Indignos seriamos, se no dia seguinte ao ter-mos escripto os mais rasgados elogios a um arti-ta, confessasse-mos que o que escrevêramos, não era a expressão da verdade.

Indignos seriamos se mostrasse-mos cartas aos *conhecidos* em que qualquer artista despeitado, nos pedisse para descompormos qualquer critico que o não elogiasse.

Indignos e bem indignos seriamos se deixassemos perceber favores intimos recebidos, de quem decerto nunca se lembrou de os dispensar.

Estas explicações inuteis para os nossos conhecidos, são comtudo precisas e dirigidas a todos que teem tido a benevolencia de nos lerem e que nos não conhecem.

Quanto ao artista, com quem o articulista pretende malquistar-nos, não deve estar muito contente com a defesa do tal amigo, que tão pouco conhece o que elle foi. Com o nosso artigo, decerto, pozemos mais em evidencia o seu talento e valor, de que o tal patetinha com a sua parva defesa. E a prova está nos proprios periodos que transcreve. De alguma cousa ha de servir ao homensinho o não ser de tenra edade... E' certo que nos ha vinte annos já poderiamos admirar *Os Lazaristas*, mas o *Luiz XI* representado 8 ou 10 annos depois só o tal sugeito que é maduro .. em edade pode comprehender. Porque não confessa que a esse tempo ainda usava calções? Ora valha-o Deus.

Diz mais que o artista não se pode sustentar com *Arte*. D'accordo. Mas ouçam-nos.

Um individuo qualquer encontra se sem trabalho e sem recursos para se alimentar; commette um delicto para matar a fome. Comparece ante o juiz, prova-se o crime e é condemnado. Ninguem decerto censurará o *veridictum* do juiz. Estamos no mesmo caso. O critico é um juiz inflexivel e imparcial.

Não conhece o homem, vê só o actor. Como o juiz não conhece o individuo, vê só o réu. Não se importa em que circumstancias o artista representa. Representa bem, applaude. Faz arte, elogia. Representa mal, censura.

E' esta a nossa opinião, e não será este senhor que nos levará a pensar de maneira diversa, e a razão é simples: não lhe conhecemos auctoridade para isso. Pague-nos na mesma moeda que é coisa que pouco nos incommoda.

Um critico que consente que no seu jornal se chame semsaborias a peças theatraes, como *Magdalena* e *Morgadinha de Val flôr* está julgado.

Pode continuar a discutir o nosso jornal e os seus artigos. Não lhe responderemos. Só o advertimos d'uma cousa. Muito cuidadinho com a lingua porque se nos offender na nossa dignidade pessoal, não teremos duvida em o fazermos *responder* por esse delicto.

E... ponto final.

COISAS DE THEATRO

POR

SOUSA BASTOS

Conhecemos como toda a gente o sr. Sousa Bastos; nunca lhe fallamos e pessoalmente não nos move antipathia alguma por este cavalheiro. Como homem de theatro porém não o podemos tolerar, e não temos duvida em avançar, que, a elle se deve, em grande parte a decadencia do nosso theatro. Tentaremos provar o que avançâmos.

Temos visto toda a gente derreter-se em louvores a proposito do seu livro *Coisas de theatro*, exalçando todos, o seu merecimento e a sua authoridade n'estes assumptos. E tem sido tal a febre de elogios que nem Furtado Coelho, um artista distinctissimo, e com um nome respeitado *par droit de conquete* no nosso pequeno mundo theatral, escapou ao contagio.

Ora o livro *Coisas de theatro* não é mais que uma plantação para o nosso meio, do livro francez de A. Lemonier *Les Abus de theatre* que temos presente.

Isto é sabido por muitos, mas por este *laisser aller* em que temos vivido, por este desprezo a que todos os que em Portugal se deviam importar com o nosso theatro, o têem votado, tudo passa sem protesto e sem critica.

Nós porém que não somos, nem escriptores dramaticos, sem emprezarios, nem artistas, mas que apenas por dilletantismo nos entregamos a estes assumptos, podemos dizer o que pensamos segundo o nosso modo de vêr. Se dissesemos que nos entregavamos a estes trabalhos por dedicação, não nos acreditariam. Digamos então que é por egoismo. Queremos gastar o nosso dinheiro, recreando a vista e os ouvidos; agrada-nos uma boa dicção, uma *mise-en-scene* cuidada e um ensemble harmonico. Para isso é preciso destruir os *idolos* que estragam o gosto do publico com revistas insonças e cançonetas picantes, onde a licenciosidade chega a fazer côrar os mais libertinos.

Tudo tem o seu logar, não somos tão pudicos que não applaudamos a Bella Chiquita no Colyseu, mas no theatro temos obrigação de exigir que nos não apresentem taes exhibições. Ou de consentil-as não se dê fóros de authoridade a quem especula com ellas no theatro.

O livro do sr. Sousa Bastos é uma imitação do livro de Alphonse Lemonnier e para prova basta a apresentação dos titulos dos capitulos do livro em francez e dos que lhe correspondem no livro em portuguez.

EM FRANCEZ	EM PORTUGUEZ
Abus du theatre —	*Coisas de theatro*
Feu le syndicat des Directeurs.	União dos emprezarios.
Les appointements des artistes.	Ordenados dos artistas.
Les exigences des etoiles	Estrellas.
Les amis des Directeurs	Amigos dos Emprezarios
Les mères des actrices.	Mães, paes e amantes de actrizes
Les droits des auteurs.	Os direitos de authores.
Les chefs de claque.	A claque.
Les musiciens d'orchestre.	Os professores d'orchestra.
Les repetitions générales publiques.	Os ensaios geraes.
Machinistes et peintres décorateurs.	Machinistas aderecistas e scenographos.
Relaches pour repetitions.	Descanço para ensaios.
Actionaires et bailleurs de fonds.	Socios capitalistas.
Jeunes auteurs	Authores novos.
Controleurs et burelistes.	Bilheteiro e porteiros.
Les billets de faveur.	Borlistas.
Le prix des places et les billets à droits	Preços dos logares de theatro.
Les affiches de theatre.	Cartazes programmas e annuncios.
Le droit des pauvres	Os impostos de theatro
Engagements d'artistes.	Escripturas dos artistas.

Ha ainda mais alguns capitulos no livro do sr. Sousa Bastos, mas esses são para seu uso pessoal. E' n'esses que como vulgarmente se diz *puxa a braza á sua sardinha*. São elles: Companhias estrangeiras. A este damos a nossa opinião n'outro logar d'esta folha em artigo especial.= *Contractadores de bilhetes* = Aconselha, em detrimento do publico, que os bilhetes sejam vendidos aquelles que melhor pagam essa preferencia.

O *guarda-roupa*. Termina o capitulo, dizendo: «A união dos emprezarios poderia facilitar a fundação de um grande guarda-roupa, d'onde todos se fornecessem sem grande sacrificio.» E' claro. Como o sr. Sousa Bastos, precisa para o bom exito das suas revistas d'um grande guarda-roupa, pois ha actriz que veste 12 e 15 fatos, elle é que sairia ganhando d'esta *união*. Como somos imparciaes, não deixaremos de apontar os artigos da sua lavra que são sensatos. O que tem por titulo *Ensaiadores e maestros* revela bom criterio e estamos d'accordo. O que se intitula *Outros empregados* de theatro é justo. Mas talvez se podesse applicar o rifão. *Bem préga Frei Thomaz*..

Ha porém um que tem realmente graça, em que temos de concordar com o que escreve, estando em desaccordo comsigo proprio. Percebem? E o capitulo: *A imprensa e os theatros*. Diz *que os emprezarios dos theatros precisam do auxilio da imprensa*. Perfeitamente. Mas esse auxilio deve ser condicional. Diz mais. «As relações entre elles (jornaes e theatros) são as mais cordiaes; o que se torna preciso é encaminhal-as de fórma a serem uteis.» Concordamos plenamente. A imprensa deve fazer todo o possivel para encaminhar o publico para o theatro onde se faça arte, onde se representem peças moraes e onde se eduque, e desvial-o, por completo, de palhaçadas indecentes, onde de mistura com ditos chulos e cantigas apimentadas se estraga o gosto do publico. Convirá isto ao sr. Sousa Bastos? «A imprensa advogará os justos interesses dos emprezarios.» Pois não. Depois de varias considerações, algumas justas, como a que se refere aos bilhetes reservados á imprensa diz: «Porque para algumas folhas a secção theatral não tem a minima importancia.» Esse facto tambem nós censuramos, mas o sr. Sousa Bastos, é que deve implorar do Todo Pedoroso que ellas nunca tenham a verdadeira importancia, porque só ao favor da imprensa deve o *successo* de muitas das suas producções. O *Sal e Pimenta*, que cahiu na primeira noite, só se levantou graças aos reclames da imprensa. E' possivel que ainda voltemos a este artigo.

Vamos agora aos capitulos francezes, perdão aos outros capitulos. O capitulo *Estrella* é uma mina.

O sr. Sousa Bastos, fallando do alto da sua cathedra apenas nos concede quarto ou cinco *estrellas*. E d'essas duas estrangeiras e uma... cadente.

Colloca como a mais fulgurante, Pepa. (Podera). Ora é certo que, se Pepa tivesse tido uma outra direcção artistica ter-se hia tornado distincta. Mas a direcção que teve nem sequer lhe soube corrigir os defeitos.

Tinha um fiosinho de voz mas desafinava que era um prazer ouvil-a, quanto aos «seus dotes naturaes» tinha uma excellente plastica, que foi o que a nosso ver a estragou, porque o sr. Sousa Bastos cuidando mais fallar aos olhos que aos ouvidos dos espectadores, o trabalho d'esta actriz, consistia mais em vestir-se e despir-se rapidamente do que em representar bem.

N'uma revista a vimos nós, (no *Tim tim* ou n'uma *das suas irmãs gemeas*) em que ella á vista do publico se despia, despia, despia... que se não fosse o respeito pela authoridade, talvez ficasse mais despida que a propria Venus ao sair das ondas.

Quanto a declamar, todos sabem como ella o fazia n'um portuguez que... por cá se gasta muito.

Em compensação para o alto criterio d'este senhor, Anna Pereira é uma Estrella-cadente. Mesmo quando assim o fosse, o respeito que lhe devia merecer o glorioso nome d'esta, e um compendio que ahi se vende, de João Felix Pereira, devia obrigal-o a ser mais cortez. Mas preferiu dar largas ao seu espirito rancoroso e deixar imprimir n'um livro que assigna, estas 4 palavras: Anna Pereira estrella cadente: quando esta actriz estava dando uma interpretação sem egual á *Marechala*, uma actriz que um seu collega chamou e com toda a justiça a Dezajet portugueza, e oiça mais, em 1860 publicava-se em Lisboa um periodico collaborado por escriptores todos com o seu nome firmado em trabalhos de valia, um admirador do talento de Anna Pereira enthusiasmado chamou-lhe a Patti portugueza, pois esse jornal não teve duvida alguma em juntar mais este titulo aos adjectivos encomiasticos com que elogiava Anna Pereira no desempenho do seu papel no *Barba Azul*.

O nome d'esta artista é respeitado por todos que presem a arte dramatica em Portugal, coube ao sr. Sousa Bastos a triste gloria de o insultar.

Continuaremos nos proximos numeros analysando os outros capitulos.

PORTO

Em visita a sua familia partirá por estes dias para o Porto o redactor-gerente d'este jornal, e aproveitando a sua estada, n'essa cidade, enviar-nos-ha para o proximo numero uma correspondencia em que porá os nossos leitores ao corrente do movimento theatral portuense.

OS THEATROS

JORNAL DE CRITICA ILLUSTRADO

REDACTOR-GERENTE

DIAMANTINO LEITE

PREÇOS

Serie de 10 numeros..... 200 reis
Avulso..... 20 »

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a travessa de André Valente, 13.